



A comunicação política sob o paradigma da pós- modernidade¹ **Political communication under postmodernity paradigm**

Aline Louise Q. de Araújo²

Palavras-chave: comunicação; política; pós-modernidade.

Nesta proposta que aproxima os campos da comunicação e política, busca-se delinear sobre os preceitos do paradigma pós-moderno para compreender os fenômenos da comunicação política contemporaneamente. Procederemos pela aproximação do pensamento de Lyotard, Durand, Maffesoli, Morin e Silva para apresentar uma leitura possível sobre os fenômenos políticos, amplamente intrincados com a sociedade mediatizada.

Para compreender os fenômenos atuais, diz Maffesoli, o pesquisador deve navegar na ambiguidade (2005, p. 7) do vivido e do cotidiano. A partir disso, seria possível pensar o nosso e buscar compreendê-lo por um pensamento radicalizante: aprofundando-se até a raiz dos movimentos em curso.

Abre-se a necessidade de dirigir o olhar para os fenômenos políticos no século XXI, entendendo principalmente as mudanças no cenário em que o espetáculo da política acontece. Encarando o cotidiano em sua complexidade, abrimos o pensamento para compreender uma sociedade em pleno processo de mutação. Para Maffesoli, trata-

¹ Trabalho apresentado ao II Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 8 a 12 de abril de 2018.

² Mestranda em Comunicação pela PUCRS, é jornalista graduada pela UFMA e especialista em Literatura Brasileira (PUCRS). Faz parte do Grupo de Pesquisa em Tecnologias do Imaginário, Grupo de Estudos de Imagem e Imaginário e Grupo de Estudos Interdisciplinares em Comunicação, todos vinculados à PUCRS. aline.queiroga@acad.pucrs.br



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

se da transfiguração do político num contexto em que a rapidez das ações, a fugacidade das relações, as identificações sucessivas e a repetição ritualística marcam o ritmo do societal. Isso se daria a partir do paradigma da pós-modernidade. Examiná-las atisfatoriamente, segundo Morin (2015), seria possível com a concepção hologramática - segundo a qual o todo está na parte e a parte está no todo.

Desde o relatório de Lyotard (1989) sobre a produção de conhecimento na atualidade, examina-se o novo contexto em que as relações entre sujeito e instituições se dão. A sociedade pós-moderna - o tempo em que se renova, usa ingredientes tradicionais, - traz à tona o retorno do emocional à esfera pública (Maffesoli, 2015) após um longo período em que os contratualismos preponderaram nas relações entre o civil e o político. Herdeiros que somos do pensamento iluminista, baseada no uso de argumentos estritamente racionais, observamos as consequências da saturação do modelo político tradicional, resultando em uma fadiga diante de tal modelo. Abre-se o caminho para uma influência premente do afetual e do hedonismo nesse mesmo espaço. Se antes o pensamento sobre o mundo se baseava na racionalidade que desaguou no racionalismo, hoje a proxemia, o elo tribal e o emocional ocupam espaço crescente.

Nesse período de mutação do político, observa-se a saturação das ideias que agregavam indivíduos em torno de projetos em comum, de expectativa num "futuro melhor", no progresso e aprimoramento do homem. Desmoronam as grandes narrativas enquanto o público impõe resistência às poderosas sagas triunfantes da humanidade (MAFFESOLI, 2005, p. 85). E o resultado desse processo? Ressaltam-se características da relação entre o homem comum e a política que acontecem nos dias de hoje como pistas que nos ajudariam a encontrar respostas possíveis: a falta de credibilidade destinada à palavra pública, o absenteísmo nas eleições das democracias ocidentais e afastamento conformista das massas em relação ao mundo político - do qual não se consideram como parte integrante, - são fortes indicadores dessa transfiguração que expõe o abismo existente o societal e as narrativas políticas tradicionais.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

A ambiência ganha força no mundo atual, contrapondo-se ao que Maffesoli define como implosão da sociedade programada, voltada para a simples gestão. Com indivíduos dispostos à partilha de sentimentos, entre os quais predomina o tribalismo das relações, a raiz sentimental na experiência com o mundo do político que funda uma sociedade volta a ter importância, as narrativas da tradição de um povo e a subjetividade apresentam um papel repaginado. A coerência, do discurso por exemplo, cede espaço a uma postura que permite o contraditório - possibilitando aos diferentes e opostos conviverem, permitindo que cada elemento não precise abdicar de seus fundamentos para que esteja no mundo em par com seu oposto.

A proeminência dos afetos pode assustar os poderes instituídos. Assustam o político adaptado à lógica dos projetos longínquos, enquanto as massas participam, observam e experimentam cada parte da nova experiência do sentimento político tranquilamente. Insatisfeitos com os projetos de longo prazo, os possíveis eleitores dedicam-se ao presenteísmo. Num contexto em que não há mais um longo tempo a ser gerido pelos "representantes do povo", estouram bolhas políticas episódicas movimentando tribos contemporâneas, pululam movimentos geradores de adesão com forte carga afetiva e onde se desenlaçam ritos expiatórios representando o expurgar daquilo que não é mais aceito ou permitido pelo consenso comum. Pela reunião e partilha, o tribalismo presente também na transfiguração do político cimenta as representações comuns no vivido societal.

Ressurge com vigor, retomada a partir da aldeia global partilhado, a força do imaginal no campo das discussões públicas. Através dela as identificações sucessivas dos indivíduos, inclusive na política, libertam-se das identidades lineares marcadas pela necessidade de coerência com relação a compromissos que atravessariam toda a sua existência para dar guarida à partilha do afetual, aberta a mudança. Nessa cultura do sentimento, a atuação política é também tributária dessa de partilha, num vaivém constante entre o político e o místico.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Os sentimentos nas relações entre o civil e o político passariam a ser regidos por novas “forças ou realidades imateriais que operam nas profundezas da vida social, modelando-lhe de diversas maneiras” (MAFFESOLI, 2005, p. 55). Neste ponto, o sociólogo vê outra consequência da busca por identificações. Se o político opta ainda pela relação de tradição racionalista, se distanciaria das expectativas dos sujeitos na sociedade pós-moderna. Ao contrário, se souber ver e ouvir o que o seu tempo inspira e emana, saberá posicionar-se nesse novo contexto: “Talvez por isso todos os grandes políticos notáveis sejam antes de tudo grandes conquistadores de alma,” diz (p. 32).

Trouxemos alguns pontos nodais do pensamento político buscado em diferentes obras e que destacamos como características fundamentais para olharmos o nosso tempo. Se há mudança do que está na base das relações entre os indivíduos e deles com as instituições, é mister reconhecer que a procura pelo conhecimento também precisa adaptar-se ao vivido: questionar velhos problemas, que estão adquirindo formas novas.

1. Novas questões para um novo contexto

Na sociologia compreensiva ora apresentada, a análise da forma tem papel central. Os autores defendem uma visão dinâmica do social, enquanto se distanciam dos determinismos. Isto porque a forma possui valor de descoberta e facilitador das interpretações sobre o social, delineando grandes configurações com as quais nos deparamos ao investigar um objeto que circula e se desenvolve em sociedade. Abre portas para compreender as fisionomias recorrentes a partir de sua repetição a partir de aproximações possíveis, enquanto considera as singularidades do *hic et nunc*.

O quadro explicitado aponta novos problemas à compreensão do político. Procedendo por aproximações e de analogias possíveis, tendo os pontos acima como fatores organizativos de um pensamento aberto à condição pós-moderna, é possível encontrar vestígios elucidativos de nosso tempo. A metodologia compreensiva volta os olhos para o mundo tal qual ele se apresenta, permitindo-se não encaixá-lo em conceitos a priori. Posiciona-se diante do mundo na tentativa de compreendê-lo, perceber



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

ambiguidades e ambivalências, relacionar pontos que parecem incoerentes e explicitar o elo que dá sustenta a interdependência dos fatores que compõem o social.

Partindo da ambiência conflitual, da mudança de tempo, da socialidade reconstituída e da nova cultura política que se desenha, propomos a seguir algumas perguntas: Há valores que restam inabalados? O que embala o sentimento em torno da política na pós-modernidade? O que compõe o arquétipo do líder político nessa nova conjuntura? Há compreensão, ou tentativa de adaptação, do político aos novos elementos? O que deve olhar o pesquisador do político sob a condição de uma sociedade em pleno processo de mutação?

São provocações que incentivam novas reflexões no campo dos estudos das sociedades midiáticas. Interessa-nos observar atentamente os movimentos mobilizadores dos tempos atuais, bem como os esvaziamentos de modelos tradicionais que cumpriram um papel agregador até recentemente, mas que parecem não mais fazer sentido para os indivíduos que compartilham um mundo em transformação constante.

Cabe-nos questionar se a comunicação política que cativou por décadas grandes levas de eleitores a partir de uma retórica bem preparada, logicamente argumentada, com dados objetivos ainda possui poder de sedução pela palavra racionalizada. Outro modelo político que aposta em usos retóricos menos cultivados, menos refletidos, que não representem qualquer projeto considerado viável racional e administrativamente possuem algum poder de coesão de indivíduos em seu redor? O que está em jogo nos corações e mentes disputados pelo discurso político?

A predominância do emocional na comunicação política parece um primeiro ponto a ser salientado. Por suplantar o racionalismo e a rejeição à incoerência, destaca a possibilidade de convivência com paradoxos e tensionamentos que convivem. Dá conta de que os fatores econômicos e de poder explicam muita coisa, mas não exaurem toda a complexidade do social.

É preciso atentar para os valores que circulam na nossa ambiência. Se os fatores predominantes na relação com o político não podem se resumir ao racional, é



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

imprescindível investigar que outros valores podem estar em jogo moldando as trocas estabelecidas entre o civil e o político. A resposta, de acordo com o método compreensivo, poderá ser encontrada em observação da polissemia do social.

Reitera-se a pertinência das noções derivadas da força do imaginário: as mitologias e os imaginários se destacam na forma com que os sujeitos encaram o político, a relação entre eles intensifica-se com as paixões de cada tempo. Aí parece estar o foco administrativo central na condição pós-moderna: “A gestão das paixões é certamente a arte suprema de toda boa política” (Maffesoli, 2005, p. 28).

Outro aspecto relevante estaria no enraizamento dinâmico das ideologias, que representam cada vez menos uma explicação plausível sobre a totalidade do mundo e torna-se mais um aspecto importante do querer-viver social, que complementa: “na representação [do mundo segundo as ideologias], conta menos um dado conteúdo do que a capacidade de promover a reunião” (Maffesoli, 1985, p. 100).

Esses e outros aspectos observados no real e interpretados a partir do pensamento aberto ao não-racional, emocional e dinâmico são bases do pensamento pós-moderno para que os estudos sobre o social possam abrir veredas da compreensão. Sendo assim, o pensamento precisa também constituir-se em uma certa composição multicolorida, dinâmica e fragmentária. É preciso buscar as relações, as ressonâncias e as analogias possíveis entre esses fenômenos.

Entendendo o afetual fator de primeira ordem, tendo o pluralismo causal como fundamento, o olhar voltado para a comunicação política deve extrapolar as fronteiras dos projetos puramente administrativos e do líder que opera suas relações exclusivamente por intermédio da argumentação racional. Afinal, os sentidos circulam na sociedade e na política não são estáticos; os imaginários ativam-se, adormecem e voltam com a força das paixões repentinas; os valores predominantes agora podem ser rapidamente ignorados ao sabor do vivido; os afetos são polifônicos, até antagônicos, e disseminam-se em meio às relações comunitárias. Diante desses preceitos, o pesquisador da comunicação política precisa estar atento.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

Referências bibliográficas

DURAND, Gilbert. **O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. - Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

LEGROS, Patrick et alii (org). **Sociologia do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

LYOTARD, François. **A condição pós-moderna**. 2ª ed. - Lisboa: Gradiva, 1989.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Natal: Argos, 2001.

_____. **A transfiguração do político: A tribalização do mundo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. **Apocalipse**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

_____. Michel Maffesoli: por uma política da transfiguração, in **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, p. 17-23. N. 10. Porto Alegre: 1999.

_____. **O conhecimento comum**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. **O tempo retorna: Formas elementares da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MORIN, Edgar. **O método 4: as ideias: habitat, vida, costumes, organização**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.